

La moneda como un discurso: un análisis de las representaciones de Octavio, Cleopatra y Marco Antonio.

Camilla Ferreira Paulino da Silva.

Cita:

Camilla Ferreira Paulino da Silva (2013). *La moneda como un discurso: un análisis de las representaciones de Octavio, Cleopatra y Marco Antonio*. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/44>

**XIV Jornadas
Interescuelas/Departamentos de Historia
2 al 5 de octubre de 2013**

ORGANIZA:

Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras

Universidad Nacional de Cuyo

Número de la Mesa Temática: 07

Título de la Mesa Temática: Tradición, tensión, decadencia, renovación, cambios y permanencias de la cosmovisión helénica, romana y tardo-antigua a partir de la interpretación de los modelos simbólicos y discursivos, propios del marco espacial Mediterráneo.

Apellido y Nombre de las/os coordinadores/as: Viviana Boch Boldrini e Graciela Gómez Aso.

A MOEDA COMO UM DISCURSO: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE OTÁVIO, CLEÓPATRA E MARCO ANTÔNIO

Camilla Ferreira Paulino da Silva

Ufes/Capes

camillapaulino@gmail.com

A história do período que denominamos como “final da República” ou como “República tardia” é deveras conhecida pela historiografia em geral. O assassinato de Júlio César, a formação do Triunvirato entre Lépido, Otávio e Marco Antônio, a divisão do Império entre esses homens, a disputa com Sexto Pompeu, a aliança de Antônio e Cleópatra e a ascensão de Otávio como *primus inter pares* e *princeps* foram exaustivamente analisados por classicistas de todas as épocas, formações, vertentes e nacionalidades. O que analisaremos nesse artigo não será o poder ou as relações desses três ícones do mundo antigo, mas sim a representação que eles buscaram para si nos anversos e reversos de moedas cunhadas em um contexto de disputas bélicas e discursivas.

A invenção da moeda antiga serviu para facilitar as transações comerciais – afinal, as moedas são artefatos econômicos e são cunhadas para tal fim, para pagar soldados, trabalhadores, alimentação, bebidas e etc. O que não negamos, porém, é a utilização dela como instrumento de reafirmação política, uma vez que os encarregados das cunhagens (os *triumviri monetales*¹) inseriam nas moedas imagens bem específicas e, de acordo com a época, de pessoas proeminentes em Roma. Acreditamos que a moeda auxilia na manutenção e construção de uma imagem louvável daquela pessoa homenageada, e, além disso, que ela estava em consonância com os projetos políticos dessa pessoa.

Um primeiro indício da importância de se cunhar os bustos pessoais nas moedas temos com a pretensão de Júlio César, em 44 a.C., de cunhar seu rosto nos anversos. Tal ato seria uma ruptura com a tradição monetária, uma vez que nunca antes uma pessoa

¹ Magistrados especialmente designados para controlarem a expedição de moedas em Roma. O nome da magistratura era *Triumviri Auro, Argento, Aeri, Flando, Feriundo*, e foi aumentada para quatro membros por Júlio César e depois retornou para o número original com Augusto (STEVENSON; SMITH; MADDEN, 1889: 817).

viva havia sido homenageada dessa forma em Roma – o que sempre se fez foi homenagear as famílias e os feitos dos generais e políticos importantes, porém nunca uma pessoa havia visto seu rosto cunhado na face de uma moeda. Esse ato deve ser compreendido pensando no contexto político em que estava inserido: Júlio César acabara de receber o título de *dictator perpetuus* e seu poder tinha alcançado um nível que preocupava parte dos senadores, que culminou em seu assassinato. O fato do ditador ter conseguido aprovação para que seu rosto fosse cunhado abriu precedente para que os moedeiros passassem a cunhar os rostos dos próximos líderes e generais preeminentes em Roma. Isso exprime a crescente importância no âmbito individual que estava sendo dada aos generais, que ganhavam cada vez mais benefícios políticos.

A aprovação para que as pessoas pudessem a partir de 44 a.C. colocar nas moedas suas faces mudou drasticamente a forma de cunhar moedas. A tradição fora rompida, mas, de acordo com Prandi (1997: 166), essa é a lógica das tradições, que não é estática e baseia-se em um procedimento de permanências e inovações que possibilitam a inserção do passo no presente. A tradição é amplamente utilizada na cultura romana como forma discursiva, sob a preleção de manutenção e respeito aos *mores maiorum*. Diversos autores, como Cícero, Salústio e Horácio demonstram em seus escritos a importância para a *res publica* da conservação dos costumes, ainda que saibamos que não existe uma “norma” ou “lei” do que seria esse costume – o *mos maiorum* pauta-se muito mais em uma ferramenta de discurso utilizada para que os membros da aristocracia romana utilizassem-se dos seus ancestrais e de supostas normas, supostos comportamentos de grandes homens para portar-se como melhores, como dignos por conta de um passado honroso e como portadores de uma verdade, do conhecimento de como agir. Ter o passado glorioso e as tradições ao seu lado dá respaldo às ações e demarcam legitimação. Takacs (2009: 7-8) chega a afirmar que “a ‘retórica do império’ (...) estava baseada nos costumes ancestrais. O código de comportamento dos nobres (...) permaneceu como parte vital do discurso que, acredito, continua hoje em dia entre as nações que têm ambições imperiais”. A moeda, assim, resignificando-se estava também estabelecendo uma nova tradição, que vai demarcar toda a história monetária de Roma.

Desde o começo do século I a.C. os *imperatores*, ou seja, os generais vitoriosos ganharam o direito de emitir moedas fora de Roma. Como aponta Fachin (1993: 13), esse fato atrelado ao contexto de guerras civis fez com que proliferassem emissões com

menções aos protagonistas dos conflitos. Quando falamos, portanto, da cunhagem de Otávio e Marco Antônio estamos falando de um período em que cunhagem acabara de passar por uma grande modificação. Acreditamos, por isso, que o repertório simbólico empregado na confecção das moedas estava em consonância e era pensado de forma a apresentar esses dois romanos como pessoas destacadas e, de certa forma, com qualidades que os elevava acima das outras pessoas da época. Ou seja, elas contribuíram para além do sentido econômico, mas serviram também como ferramenta política.

A moeda tinha um caráter sagrado. Ela era cunhada no Templo de Juno Moneta, ou seja, aquele que lembra, que aconselha, que adverte, o que remete muito à própria ideia que temos do que as imagens contidas nas moedas faziam: elas, assim como Juno Moneta, trazia à memória de quem a estivesse manuseando uma mensagem.

Transformada em fonte histórica, ela passa a ser entendida, como demonstra Frère (1984: 12-14), como um artefato cultural, como um monumento de uma sociedade, por meio do qual podemos captar aspectos variados que podemos ampliar nossa visão de como os antigos utilizavam-se de símbolos, imagens e inscrições para fins específicos, além de ser uma fonte de informação para lacunas que as outras documentações não nos informam ou para asseverar alguma questão.

Histórico

A disputa entre Antônio e Otávio não ficou restrita às disputas bélicas. Os dois, desde a chegada de Otávio em 44 a.C. requerendo a herança de Júlio César, viveram difamando um ao outro por meio de discursos. Temos vários indícios dessas disputas, e, claro, é mais fácil encontrar a infâmia de Marco Antônio, por ele ter saído derrotado da batalha de Ácio, em 31 a.C. e do cerco de Alexandria, no ano seguinte. Vários autores contemporâneos deles louvaram Otávio e difamaram Antônio e sua relação com a rainha egípcia Cleópatra, como por exemplo, Virgílio, Horácio e Propércio. Antônio teve sua imagem prostrada desde o início das disputas, porque o grande orador Cícero dirigiu a ele suas *Filípicas*, uma série de discursos que teriam sido proferidos no Senado contra o general. Porém, durante o tempo em que Otávio e Antônio alternaram entre aliança e ameaça de guerra, sabemos que o filho adotivo de César também fora difamado, como podemos perceber na narrativa de Suetônio (*Div. Aug.*, 10.3-4; 11):

(...) posto no comando do exército que havia levantado, com a patente de pro-pretor, e ordenado a se juntar a Hircio e

Pansa, que eram cônsules, e em auxiliar Décimo Bruto, ele finalizou a guerra que lhe havia sido confiada em três meses e em duas batalhas. Na primeira delas, como Antônio escreve, fugiu e só não foi visto até o dia seguinte, quando retornou sem sua capa e sem seu cavalo; mas na seguinte, todos concordam que ele desempenhou o papel não só como um líder, mas como um soldado também, e que, no meio da luta, quando seu porta-estandarte foi gravemente ferido, ele pegou a águia e a carregou por algum tempo. Como Hírcio perdeu sua vida em batalha durante essa guerra, e Pansa logo depois por causa de uma ferida, espalhou-se o rumor de que Otávio causou a morte de ambos, de modo que depois Antônio se pôs em fuga e o Estado ficou sem seus cônsules, Otávio pôde ganhar o controle exclusivo das tropas vitoriosas.²

O fato de ter vencido a batalha de Ácio foi crucial para a imagem que temos da glória de Otávio/Augusto. Até então, não havia nada que colocasse Otávio como em vantagem frente à força de Marco Antônio e Cleópatra. A bibliografia, de modo geral, tende a ver no Otávio o já estabelecido Augusto, sendo que ele durante toda a década que precede a vitória e conquista do Egito estava tentando se afirmar frente aos inimigos internos e externos. Um exemplo disso foi que, no ano 32 a.C., cerca de 300 senadores deixam Roma e vão junta-se a Antônio quando Otávio profere um discurso contra este (SHEPPARD, 2009, p. 31). Ora, se Otávio já supostamente era tido como glorioso e “enviado dos deuses”, tal como vai aparecer na poesia augustana posteriormente, por que teriam esses senadores abandonado Roma e ido juntar-se ao inimigo dele em Éfeso, onde formaram uma espécie de “contra-Senado”?

As moedas e o poder

A teatralidade da política romana é bem marcante nas moedas, que surgem nesse contexto muito interligadas aos “grandes” acontecimentos. Os eventos comemorativos, novos títulos e vitórias aparecem com grande frequência nos aversos e reversos, demonstrando muito bem que elas funcionavam como forma de expor os bons feitos e qualidades dos líderes romanos. Parecer bom na sociedade romana era tão importante que Beacham (2007: 152) afirma que foi por meio do talento teatral de Otávio que ele

² Tradução de J. C. Rolfe (1979), da Loeb Classical Library.

pode chegar onde ele chegou.³ Ou seja, era muito importante parecer ser especial, não bastava ser – a divulgação das qualidades e das ações positivas era essencial para que um cidadão conseguisse portar-se como digno de alguma magistratura ou simplesmente para ser o *primus inter pares*, aquele que estava além dos concidadãos, tal como Otávio consegue sob o nome de Augusto.

Um exemplo do uso da moeda como divulgação de um ato é um denário (**Fig. 1**) cunhado no ano de 37 a.C., no qual aparece Marco Antônio no anverso, rodeado pela inscrição “Antônio, áugure, cônsul designado novamente e pela terceira vez” e no reverso uma tiara armênia, com um arco e fecha no plano de fundo, rodeados com a inscrição “Imperador pela terceira vez e triúviro pela constituição da república”.



Fig. 1 – Denário de Marco Antônio (37 a.C.). Fonte: RRC/539/1.

Essa moeda é uma das únicas fontes pela quais sabemos a quantidade de vezes que Marco Antônio foi aclamado *imperator* – não temos como saber por meio da documentação escrita. Além disso, é deveras interessante ressaltar que a questão da guerra da Armênia é deveras discutível, uma vez que não foi uma vitória propriamente dita: Antônio, pretendendo seguir um antigo sonho de Júlio César de conquistar a Pártia, adentra no território oriental, mas sofre uma derrota durante a incursão. Porém, vale ressaltar que os numismatas, ou seja, os estudiosos de moedas, acreditam que essa moeda pode ter sido emitida em Antioquia ou na viagem da campanha contra a Partia. Portanto, ela é anterior à derrota, foi cunhada durante os preparativos da guerra.

³ Devemos mencionar que nesse capítulo, Beacham demonstra que a luta representacional por meio das moedas não foi restrita a Otávio *versus* Antônio – o primeiro também teve seu embate com Sexto Pompeu, que se apresentava como herdeiro de Netuno.

Já a moeda do ano 34 a.C. (**Fig.2**), tem um tom diferente, nos mais variados sentidos:



Fig. 2 – Denário de Marco Antônio e Cleópatra (34 a.C.). Fonte: RRP 543/1.

No anverso desse denário aparece a cabeça de Marco Antônio, com a tiara da armênia atrás. A inscrição: “[moeda] de Antônio, com a Armênia conquistada”. No reverso temos a rainha Cleópatra portando um diadema representando sua realeza, um colar de pérolas e com o busto coberto por um vestido drapejado. Atrás de sua cabeça, uma proa de navio. A inscrição que a rodeia é “de Cleópatra, rainha dos reis e dos filhos que são reis”.

Essa moeda foi cunhada em Alexandria, possivelmente durante a comemoração da vitória de Antônio contra o rei da Armênia, momento em que ele teria feito as famosas “doações de Alexandria”, ou seja, quando ele teria doado e dividido parte do território romano entre seus filhos com Cleópatra, de acordo com Newman (1990: p. 50). O triunfo em Alexandria teria chocado os romanos, uma vez que a tradição prescrevia que tal ato deveria e era restrito à cidade de Roma (Plutarco, *Antonius*, 54).

A própria legenda do reverso com a ênfase em que os filhos da rainha também são reis podem ser um indício disso. A importância desse ato é conhecida: Otávio divulgou em Roma essa pretensão de Antônio, como forma de demonstrar como o antigo aliado estava enfeitiçado pela rainha egípcia e cometendo atos impensáveis para um romano que respeita as tradições. Ademais, o próprio fato dessa moeda, que é romana, conter no reverso uma mulher estrangeira com títulos é algo inovador e demonstra que a importância de Cleópatra não era de ser um rele suporte aos

empreendimentos bélicos de Antônio ou somente sua amante: o papel dela como governante de um reino poderoso não foi desprezado pelo seu consorte, que a coloca num patamar igual ao de homens preeminentes, afinal, em nenhuma moeda romana as mulheres ganham títulos quando aparecem. Cleópatra era mais que uma rainha vassala de Roma.



Fig. 3 – Sestércio de Otávio (38 a.C.). Fonte: RRC 535/2.

Essa moeda é interessante porque ela ressalta o valor dos símbolos para os romanos. Antes de mais, há que se ressaltar que o repertório simbólico de Otávio vai crescendo com o passar dos anos; à medida que seus empreendimentos bélicos e políticos vão laborando, sua imagem vai adquirindo força e isso é expresso pelas mudanças no “tom” das moedas. Por exemplo, as primeiras moedas de Otávio, ambas do ano 43 a.C. contêm duas principais mensagens: no reverso de um áureo (RRC 490/2) aparece Júlio César, em uma óbvia assimilação de Otávio com seu pai adotivo, que a essa altura ainda não havia sido deificado. Sabemos, porém, que Otávio era ninguém quando César fora assassinado e, portanto, sua adoção fora essencial para dar impulso à sua carreira política. Outra moeda, um denário (RRC 490/1), tem no reverso uma estátua equestre. Ela demonstra a atenção de Otávio em homenagear os cavaleiros, já que, como ele era ainda um jovem em busca de reputação militar, precisava de assegurar o apoio dos veteranos de César. No anverso dessa moeda, Otávio aparece de barba, um símbolo de luto. De fato, uma estátua fora erigida no Senado em honra a Otávio, após a vitória de Módena (contra Marco Antônio) e o fato de nessa moeda aparecer a inscrição S. C., ou seja, *senatus consultum*, alude a essa estátua (ZANKER, 1990: 38). Logo, nessas primeiras moedas vemos um Otávio buscando reforçar suas primeiras vitórias e atrelar sua imagem com o vitorioso Júlio César, para dar respaldo às suas ações.

Já nesse sertércio de 38 a.C. (**Fig. 3**), a referência a César é mais enfática. Em 42 a.C., ele fora deificado, o que engrandecia ainda mais o uso de sua herança por Otávio. A partir de então, além de filho do grande César, popular entre diversas legiões e conquistador das Gálias, ele estreitou laços com o plano divino. Várias serão as moedas e representações nesse sentido, demonstrando que a valorização da figura de César, de fato, ressaltava ainda mais a figura de Otávio como um grande general romano, ainda que conheçamos a má fama deste no que diz respeito à condução das batalhas.⁴ No anverso temos a inscrição *Diui filius*, ou seja, filho do divino, com Otávio e uma estrela, conhecida como *Sidus Iuliu*, a estrela de Júlio. Essa estrela é deveras importante no repertório simbólico de Otávio, que se apropria de uma situação ocorrida nos *Ludi Victoriae Caesaris*, quando um cometa apareceu nos céus e foi interpretado como a apoteose de Júlio César (SILVA, 2010: 4). Essa estrela aparece em diversas outras moedas, fazendo-nos poder interpretar que o receptor da moeda, de modo geral, entenderia à primeira vista o que aquela estrela representava, principalmente pelo auxílio das inscrições dos anversos e reversos da moeda.

Nota-se, portanto, que nessas três moedas as personagens retratadas estão buscando aliar-se a símbolos específicos de cada contexto para veicular mensagens positivas sobre suas ações ou simplesmente sobre suas pessoas; a moeda, portanto, ao veicular notícias e honrarias não está servindo apenas como modo dessas pessoas se louvarem e buscar uma representação positiva perante a sociedade da época: ela também é utilizada nos momentos de confronto bélico como forma de se reafirmar. Sabemos que as moedas de Marco Antônio cunhadas no ano de 31 a.C., por exemplo, foram cunhadas especialmente para pagar seus soldados. Ou seja, cunhadas com um fim específico, para um público específico e com mensagens especialmente cunhadas para reforçar a identificação daquelas legiões com seu general. Ou, então, por que teria Antônio cunhado nas moedas que os numismatas classificam como “moedas legionárias” justamente estandartes das legiões e navios de guerra? Afirmar que a moeda não era uma ferramenta política, acreditamos, é partir para uma interpretação ingênua de que os antigos não prestavam atenção aos símbolos e não tinham capacidade para interpretá-los. Como Gregory (1994: 81) afirma, as imagens, assim como os símbolos, espetáculos, desfiles e etc. interagem a fim de dar apoio e reforçar regimes políticos, e

⁴ Vide Silva (2013), no prelo; Suetônio (*Vita Diui Augusti*) e Tácito (*Annales*, I.10) também discorrem sobre os defeitos de Augusto, algo impossível de encontrarmos na literatura contemporânea ao *princeps*.

“podem atuar como incentivo à ação, (...) podem também ser confiadas a servir como sistema de retenção a uma ação individual” (GREGORY, 1994: 91).

Beacham (1997: 158) resume bem essa questão, apontando que:

Em essência, o efeito dessas performances rivais por Antônio e Otávio, que no final colocou a audiência romana a favor deste último (talvez porque ele provou ser um ator mais persuasivo), foi lançar uma veia obscura das imagens e metáforas teatralizadas entre rivais por preeminência política. E isso ajudou a estabelecer precedentes para um tipo de política determinadamente dramatizada que subsequentemente caracterizou com um alcance significante as ‘relações públicas’ da era augustana.

Considerações finais

Acreditamos que a escolha dos símbolos utilizados nas moedas foi pensada levando em conta a carreira e a situação política das personagens no momento das cunhagens, ou seja, muito possivelmente a escolha de títulos, símbolos, deuses e até mesmo de material (ouro, prata, etc.) era influenciada, quando não requisitada, pelo representado. Levando em conta que no decorrer do conflito entre Marco Antônio e Otávio sempre esteve presente um forte conflito discursivo, que deveria servir como forma dos dois angariarem aliados portar-se como melhor que o outro, acreditamos que a cunhagem das moedas eram pensadas como forma de alcançar um *status* mais honrado nesse contexto. Como a moeda era emitida para fins específicos, como por exemplo o pagamento das tropas, a mensagem contida nela, que deveria ser breve e específica, era compreendida porque aqueles que a recebiam estavam especialmente ligados àqueles líderes. Ademais, não podemos rejeitar o sentido do uso das imagens pelos povos antigos: negar que essas pessoas não pensavam no poder de influencia delas seria nos prender na nossa modernidade, em um mundo onde somos constantemente bombardeados por imagens a todo tempo. A moeda era um artefato especial; pensar em quais imagens que seriam cunhadas nos aversos e reversos e colocar o rosto de pessoas específicas não foi em vão: tinha um objetivo próprio de divulgar mensagem e de que ela chegasse à todas as pessoas possíveis. A moeda, na época imperial, vai ser uma das formas do imperador estar presente nas províncias mais longínquas do Império romano.

Acreditamos, porém, que a moeda não funciona sozinha – ela está em consonância com outras formas de representação, como os próprios discursos dos dois generais, bustos, escritos e etc.

Cleópatra, acima de tudo, é uma ameaça ao povo romano porque ela rompe com o que se esperava de um relacionamento com um reino vassalo e, portanto, com a tradição de relação que Roma estava acostumada a ter com o reino. Como o Egito era um local de grandes riquezas, principalmente no que diz respeito ao fornecimento de grãos para a Península Itálica, as ameaças que Cleópatra representava transpassava a de uma rainha com pretensões de guerra com Roma, afinal, se tinha uma coisa com a qual os romanos estavam acostumados era com a guerra. Cleópatra teve importância como principal inimiga no ideário e discurso de Otávio porque ela representava a monarquia e a mulher estrangeira, ou seja, era muito mais convincente Otávio dirigir seus ataques à figura dela que à de Antônio, general romano com grande influência em Roma, apesar de afastado nos últimos anos da década de 30 do centro do Império.

Referencias Bibliográficas

1. Documentação primária impressa

PLUTARCO. (s/d). “Vidas paralelas”. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action&co_autor=174

SUETÔNIO. (1979). *The lives of the Caesars*. Tradução de J. C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press.

2. Documentação numismática

CRAWFORD, M. H. (1974). *Roman republican coinage*. Cambridge: Cambridge Press.

3. Dicionários

STEVENSON, S. W.; SMITH, C. R.; MADDEN, F. W. (1989). *Dictionary of Roman Coins*. London: George Bell and Sons.

4. Bibliografia instrumental

PRANDI, C. (1997). “Tradições”. ROMANO, R (Coordenador). *Enciclopédia Einaudi*. Portugal : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp.166-197.

5. *Obras de Apoio*

BEACHAM, R. (2007). “The Emperor as Impresario: Producing the pageantry of Power”. GALINSKY, K. (Coordenador). *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 151-174.

FACHIN, M.C. (1993). *Moeda e estabilidade política no final da República romana: emissões monetárias de Marco Antônio*. São Paulo: Usp.

FRÈRE, H. (1984). *Numismática: uma introdução aos métodos e a classificação*. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira.

GREGORY, A. P. (1994). “Powerful images: responses to portraits and the political uses of images in Rome”. *Journal of Roman Archaeology*, pp. 80-99.

NEWMAN, R. (1990). “A dialogue of power in the coinage of Antony and Octavian”. *The American Journal of Numismatics*, pp. 37-64.

SHEPPARD, S. (2009). *Actium 31 B., downfall of Antony and Cleopatra*. New York: Osprey Publishing.

SILVA, C. F. P. (2013). A glória e a infâmia de Augusto em *De Vita Caesarum*, de Suetônio. *Fama e Infâmia no Mundo Antigo*. Edufes, Vitória. (No prelo).

SILVA, C. F. P. (2010). “Contradições na formação do Principado: alguns apontamentos”. *Anais do VII Encontro de História da Anpuh*, Vitória: Edufes. pp. 1-10.

TAKÁCS, S. A. (2009). *The construction of authority in Ancient Rome and Byzantium*. Cambridge/New York: Cambridge University Press.

ZANKER, P. (1990). *The power of images in the age of Augustus*. Michigan: The University of Michigan Press.